

CULTURA DIGITAL E INFÂNCIAS: ARTICULAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, *DRAG QUEENSE* EDUCAÇÃO

Cristiano Eduardo da Rosa¹
Jane Felipe²

Resumo: Este estudo objetiva analisar a mobilização da cultura digital pela infância com base na história de Desmond Napoles, uma criança estadunidense de dez anos de idade que se monta como *drag queen* desde 2015 e se constituiu como uma celebridade LGBT por meio de suas aparições na internet e redes sociais. A análise aqui proposta se fundamenta nos Estudos de Gênero, nos Estudos Culturais e Estudos da Infância, na perspectiva pós-estruturalista de análise. Deste modo, pretende-se compreender e tensionar o fenômeno e a sua performatividade no cyberspaço e na mídia, pesquisando no site oficial de Desmond, assim como nas suas redes sociais, a fim de compreender melhor sobre o protagonismo da criança, percebendo como ele questiona os *scripts* sobre o ser / se fazer homem e a própria sexualidade estabelecidos pela cultura e naturalizados, principalmente, nos primeiros anos de vida. Tais fatos têm tido repercussão mundial, colocando em discussão a complexidade do conceito de erotização infantil, provocando ainda alguns discursos em favor da liberdade das crianças nas redes sociais. Foi possível perceber, por meio de tais manifestações divulgadas na mídia, uma preocupação generalizada pelo fato de uma criança se apresentar em eventos como *drag queen* e também se auto afirmar como um sujeito gay aos dez anos de idade, indo na contramão das expectativas acerca de comportamentos tidos como naturais, portanto, compreendidos e aceitos como compulsórios. No entanto, os *scripts* de gênero, assim como os *scripts* sexuais vão sendo construídos pelas instituições das quais os sujeitos participam mesmo antes do nascimento; assim, Desmond subverte e escreve seus próprios *scripts*, transgredindo uma matriz heteronormativa e convidando à reflexão acerca da composição de conceitos como identidade e diferença na infância por meio da cultura digital.

Palavras-chave: Cultura Digital. Infâncias. *Scripts* de gênero. Drag queen.

Digital Culture and Childhood: articulations among children, *drag queens* and Education

Abstract: This study aims to analyze the mobilization of digital culture by childhood based on the story of Desmond Napoles, a ten-year-old American child who has set up as a drag queen since 2015 and has established himself as a LGBT celebrity through his appearances in internet and social networks. The analysis proposed here is based on Gender Studies, in Cultural Studies and Childhood Studies, in the post-structuralist perspective of analysis. In this way, we intend to understand and stress the phenomenon and its performativity in the cyberspace and in the media, searching the official site of Desmond, as well as in their social networks, in order to better understand the protagonism of the child, realizing how he questions the scripts about being / becoming a man and the sexuality established by the culture and naturalized, mainly, in the first years of life. These facts have had worldwide repercussion, putting in discussion the complexity of

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

the concept of children eroticizing, causing still some speeches in favor of the freedom of the children in the social networks. It was possible to perceive, through such manifestations published in the media, a generalized concern for the fact that a child presents himself in events like drag queen and also affirms like a subject gay to the ten years of age, going against the expectations about behaviors considered as natural, therefore, understood and accepted as compulsory. However, gender scripts, as well as sex scripts, are being constructed by institutions from which subjects participate even before birth; thus, Desmond subverts and writes his own scripts, transgressing a heteronormative matrix and inviting reflection on the composition of concepts such as identity and difference in childhood through digital culture.

Keywords: Digital Culture. Childhood. Gender scripts. Drag queen.

PARA INÍCIO DE DISCUSSÃO

Há muitos modos de ser criança na contemporaneidade, uma vez que as infâncias se distinguem de distintas maneiras, dependendo da cultura na qual estão inseridas. Muito se tem produzido sobre as infâncias nas últimas décadas, em especial na área da educação (BUJES, 2002; CORAZZA, 2000; 2002), da sociologia (CORSARO, 2011; FARIA; FINCO, 2011; SARMENTO, 2004; 2005) e da antropologia (COHN, 2005), além dos tradicionais campos da psicologia e medicina (ELIOT, 2013).

A partir do século XX uma série de leis de proteção à infância e à adolescência e iniciativas no campo das políticas públicas foram se constituindo de forma importante, resultando na ampliação de vagas nas escolas, além de campanhas em prol da qualidade desses espaços educativos.

O Estatuto da Criança e Adolescente do nosso país, no Título I e Art. 2º, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos; já nos Estados Unidos, pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, a definição se refere a “um ser humano com idade inferior a 18 anos, a menos que, de acordo com a lei aplicável à criança, a maioridade seja mais cedo”.

Quando o tema é infância muitas questões podem ser estudadas, visto que esta é a primeira e uma das etapas da vida mais interessantes de se pesquisar, principalmente no campo da Educação. Em uma perspectiva pós-estruturalista, no intuito de colocar sob suspeita as convenções naturalizadas pela sociedade, as questões relacionadas com gênero e sexualidade têm ganhado bastante destaque, visto que recentes movimentos políticos e religiosos estão tentando delimitar quem pode ou não tratar do tema com as crianças e, estas, têm exposto no mundo virtual seus desejos e pensamentos acerca do tema.

A sexualidade interpela a infância desde antes do nascimento da criança, quando seus pais, principalmente, criam expectativas acerca da identidade do sujeito que está por vir, escolhendo cores e brinquedos, por exemplo, conforme o seu sexo biológico. Tais definições são também reforçadas pelas outras instituições as quais a criança tende a participar ainda nos primeiros anos de vida, como escola e igreja, em muitos dos casos.

Com este cenário, a presente pesquisa procura investigar de que forma uma criança estadunidense de dez anos idade que se afirma gay e se monta de *drag queen* para participar de eventos pode romper com as expectativas culturais e sociais construídas acerca das questões relacionadas a gênero e sexualidade na infância por meio de sua relação com a cultura digital na produção em suas redes sociais.

Para isso, tomando como referência os Estudos de Gênero, os Estudos Culturais e os Estudos da Infância, pesquisou-se nas redes sociais de Desmond Nápoles para poder refletir sobre a influência da cultura digital na subversão que a criança produz acerca dos *scripts* de gênero e *scripts* sexuais perante o que a sociedade estabelece como correto culturalmente.

“SEJA VOCÊ MESMO, SEMPRE”: QUEM É DESMOND?

Oi! Eu sou Desmond is Amazing e eu sou um garoto drag de dez anos de idade da cidade de Nova York. Eu amo fazer drag, pois você consegue se expressar, sem limites, e se você acha que não está fabuloso, na verdade você está, porque as fantasias são sempre incríveis, mesmo que você não tenha feito elas, que não estejam perfeitas ou no ponto, você ainda estará linda. Sabe o que é incrível? Uma das amigas da minha mãe fez uma fanpage no Facebook chamada “Desmond é incrível” e eu amei tanto o nome que decidi manter esse nome como meu escudo, Desmond is Amazing. Você poderá ver no meu canal do youtube performances incríveis ao vivo, tutoriais de maquiagem, sessões fotográficas e entrevistas. Algumas de

minhas inspirações LGBTQ são RuPaul, Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera.³

t

Em uma rápida pesquisa no Google, na data de 30 de maio de 2018, é possível encontrar mais de 39.800 resultados pela busca “Desmond is Amazing”. Mas quem é ele? Desmond Napoles nasceu em junho de 2007 em Manhattan, Estados Unidos, mas atualmente mora em Nova York com a mãe, o pai e a irmã mais velha. Aos cinco anos de idade começou a praticar balé e, aos seis, ganhou uma fantasia da Elsa, do filme *Frozen*, para o Halloween.

Sua mãe, WendyLou, conta, na biografia do filho em seu site oficial, que Desi – apelido na família – sempre gostou de se vestir, usar seus saltos e brincar com bonecas, ao mesmo tempo em que também gostava de trens, mapas, livros e videogames. De acordo ainda com o site <<http://www.desmondisamazing.com>>, seu lema pessoal é “Seja você mesmo, sempre”!

Percebendo as diferenças de Desmond em relação aos outros meninos da sua idade, seus pais consultaram um terapeuta que aconselhou a família a não desencorajar e nem encorajar, mas permitir que o garoto se desenvolvesse naturalmente. Assim, no lugar de envergonhar ou mesmo punir o filho, os pais permitiram que ele progredisse, explorasse e escolhesse roupas, brinquedos e atividades por conta própria, a partir de seu gosto pessoal.

Dessa maneira, a criança desenvolveu a sua identidade de gênero como não-binária, rompendo a lógica tradicionalmente imposta às crianças em relação à aparência e gostos pessoais. Isto significa dizer que Desmond não possui o desejo de se tornar uma menina, apenas é um garoto que gosta de se vestir como uma garota.

Em 2014 Desmond se montou pela primeira vez de *drag* para participar do clipe da música “The Bacon Shake”, da *drag queen* Jinkx Monsoon, vencedora da quinta temporada do reality show de *drag queens* RuPaul’s Drag Race em 2013. Tal participação fez com que a aparição do menino no vídeo repercutisse e chamasse a atenção tanto da população em geral quanto da própria comunidade LGBT.

No ano seguinte, aos 8 anos de idade, o garoto participou da Parada do Orgulho Gay de Nova York, ficando mundialmente conhecido após o evento

³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wYXrz_H0VI>. Acesso em: 18 mai. 2018.

no mundo virtual. No mesmo ano, sua mãe criou perfis nas redes sociais para os admiradores e fãs, utilizando o nome “Desmond is Amazing”, como ele é mais conhecido até hoje.

Em maio de 2017 Desmond foi convidado para participar do evento DragCon em Nova York. “Liderado por RuPaul e World of Wonder® Productions, o DragCon oferece uma plataforma para os fãs - de todas as idades e origens - conhecerem e interajam com celebridades e ícones de renome mundial em um ambiente criativo, amigável e acessível”.

Em junho do mesmo ano o menino participou e discursou na comemoração do Memorial no Stonewall National Monument, em memória das vítimas do tiroteio na boate LGBT Pulse, em Orlando. Já em julho de 2017, a criança foi agraciada com o Prêmio “Marsha P Johnson Don’t Be Outraged, Be Outrageous”, em homenagem à ativista dos direitos LGBT.

Ainda em 2017, Desmond iniciou um de seus principais projetos atuais como ativista pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, fundando uma comunidade *online* para pessoas com menos de 20 anos que se compreendem como LGBTs e que gostam também da cultura *drag* para se conectarem de maneira positiva, encorajadora e segura.

SCRIPTS DE GÊNERO, AUTISMO, PEDOFILIA, TRANSGENERIDADE E REDES SOCIAIS

Em dezembro de 2017, após mais de 150 pessoas classificarem com uma estrela a página de Desmond no Facebook, sua mãe escreveu uma nota de desabafo, questionando o motivo de tanta crítica só porque seu filho era diferente. “*Só porque ele não se encaixa em seus valores, sua moral, sua interpretação da religião, seus modos de parentalidade, suas crenças políticas, seu estilo de vida?*”, comentou Wendylou, que sempre fez questão de deixar evidente o quanto sua família não postava ideias políticas.

A história do garoto tem incomodado muita gente, talvez pelo fato dele propor um rompimento com os *scripts* de gênero e *scripts* sexuais quando se autodenomina gay e se monta de *drag queen*, rompendo assim com as expectativas socioculturais vigentes. Segundo Felipe (2018, p. 238-239) as identidades vão sendo delineadas a partir de tais *scripts*, aqui entendidos como:

Roteiros, definições, normas, apontamentos, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescreveriam as condutas dos sujeitos. Quando os *scripts* são ignorados, rompidos ou modificados, seus autores, neste caso, a sociedade que se pretende hegemônica e que insiste em traçar determinados padrões de comportamento, trabalha no sentido de impor sanções e promover discriminações a todos os sujeitos ou grupos que ousam romper, modificar ou mesmo (re)escrever seus próprios *scripts*. Tais expectativas das mais diversas ordens vão sendo tecidas e muito bem tramadas ao longo das nossas vidas por diversos discursos (religioso, médico, psicológico, jurídico, midiático) e instituições (família, escola, igreja, etc.), dizendo-nos como devemos ser e nos comportar pelo fato de termos nascido com determinada genitália. A partir de tal inscrição biológica somos descritos como meninos, meninas ou intersex (sujeitos que possuem genitália considerada ambígua). Tanto os *scripts* quanto os *scripts* sexuais vão sendo construídos, tramados, aceitos, alterados ou rompidos desde a mais tenra infância, uma vez que há sempre a possibilidade de transgredir e reinventar os roteiros, por mais engessados que possam parecer.

A possibilidade de reescrever seus próprios *scripts* fica evidenciada no caso Desmond, um menino que se monta como *drag kid*. A mãe do menino afirma que através das redes sociais seu filho pode se conectar com pessoas que o farão se sentir menos diferente em uma sociedade que ainda não concorda com quem ele é. E ela faz uma revelação logo no início da postagem sobre a criança, comentando que Desmond está no espectro do autismo. *“Nunca revelamos isso ao público em nenhuma entrevista, artigo ou vídeo, mas acho que chegou a hora, devido à maldade e ao escopo do ataque que recebemos e continuamos a receber”*.

De acordo com o “Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais” (2014, p. 50), o Transtorno do Espectro Autista possui como diagnósticos déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, assim como padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Ainda segundo o documento, esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário da pessoa.

Wendylou ainda destaca que a arte *drag* estaria ajudando Desmond, pois

no final do dia, este menino de 10 anos foi capaz de superar os seus sintomas de desordem e problemas de comportamento e tornar-se bem sucedido na busca de seus interesses. Gosta de vestir-se, dançar, voguing e design de moda. (...) Desmond sente-se mais concentrado e confortável quando está projetando suas roupas e se vestindo. Ela ajuda o autismo e ajuda a manter seu comportamento sob controle, o que significa que ele tem uma alta qualidade de vida agora.

A mãe comenta que está deixando o filho explorar os seus interesses e o apoia nisso, pois acredita que brincar é brincar, não importando de que forma o faça. Ela ainda revela que ele toma medicação que acelera seu metabolismo e que, combinado com um estilo de vida ativo, o mantém magro. Aqui cabe refletirmos sobre essa ideia de sermos aceitos em função de uma doença que afeta e compromete nosso estado físico e emocional. Se a criança tem um problema, tudo se justifica, inclusive o fato dele se montar como uma *drag queen* torna-se uma espécie de cura para amenizar sua dor ou desorganização. Neste sentido, os argumentos da mãe vão na direção de que é terapêutico desenhar roupas e se vestir de *drag*, como se dissesse: aceitem, ele só faz isso porque tem um problema.

Desmond possui uma fala rápida, gesticula bastante e possui gostos excêntricos se comparados aos das outras crianças de sua idade, o que está em consonância com o que a APA (2014, p. 56) comenta sobre o autismo

Os primeiros sintomas do transtorno do espectro autista frequentemente envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns (p. ex., puxar as pessoas pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para elas) padrões estranhos de brincadeiras (p. ex., carregar brinquedos, mas nunca brincar com eles), e padrões incomuns de comunicação (p. ex., conhecer o alfabeto, mas não responder ao próprio nome).

Uma das principais críticas que a família tem sofrido por parte da mídia é a de que sexualiza seu filho, educando-o de maneira inadequada no campo da sexualidade. Porém, como afirma Furlani (2016, p. 68)

há uma grande diferença entre “educar para a negação-proibição” da sexualidade e “educar para a positividade-consentimento” das expressões sexuais. Consentir significa orientar a criança e o/a jovem para que entendam e aprendam o local e o momento adequado para manifestar sua sexualidade e os efeitos coletivos dessas escolhas.

Wendylou ainda salienta que há muitas acusações de que ela estaria promovendo a pedofilia divulgando imagens e vídeos de Desmond montado de *drag queen* na internet. Nesse sentido, ela chama a atenção para o fato de que

Se houver um pedófilo em qualquer lugar, eles irão para qualquer criança que eles possam mais facilmente atacar. (...) Está provado que, por um lado, a maioria dos pedófilos é heterossexual, e dois, eles escolhem as crianças mais fracas, as crianças que mantêm a cabeça baixa, as que pedem atenção e amor porque não as levam a nenhum outro lugar. Isso não é Desmond de jeito nenhum.

Nessa ideia de considerarmos a criança como um sujeito indefeso e inocente, Mott (1989, p. 33) ressalta que “aproximá-la dos prazeres eróticos equivaleria a profanar sua própria natureza - a dessexualização da infância e adolescência impõe-se como um valor humano fundamental na civilização judaico-cristã”. Deste modo, podemos entender porque há tanta dificuldade ainda hoje, de trabalharmos com as temáticas de gênero e sexualidade nas escolas, ou mesmo dentro das próprias famílias.

Felipe (2013, p. 65), ao discutir sobre a subjetivação da infância, ainda argumenta que “as representações sobre sexualidade, corpo e gênero veiculadas em especial pela mídia têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também tem trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias”. Ou seja, corpo, gênero e sexualidade interpelam a todos, sem escape.

A mãe também faz questão de esclarecer que seu filho não é transgênero, pois ele se identifica completamente como um menino que gosta de se vestir como uma garota de vez em quando. Ela ainda destaca que Desmond passa dias sem se vestir como uma menina.

A mídia e os vídeos que ele participa gostariam que você acreditasse que ele se veste 24 horas por dia, 7 dias por semana, mas isso não é verdade. É um hobby para ele, algo que ele gosta de fazer quando quer, do mesmo jeito que brincar com seus vagões de metrô ou fazer suas palavras cruzadas.

Wendylou se considera tímida e não gosta de aparecer nas fotos e vídeos de Desmond, e lamenta o número de pessoas nas redes sociais que a aponta como se fosse uma vilã ou prostituta. Ela diz que seu nome foi caluniado e que estava, na época da postagem desse desabafo, com dificuldades de encontrar um emprego.

Ela ainda comenta que a família Napoles é pobre, que pouco sobra do salário do marido após pagarem o aluguel de um apartamento no Brooklyn. WendyLou também afirma *“Eu sacrifiquei a maior parte do meu próprio guarda-roupa para criar as roupas de Desmond que ele criou, então ele tem algo legal para usar em suas fotos e eventos. Se ele quiser uma roupa rosa, usarei minha última camiseta rosa para fazer isso”*.

REPRESENTATIVIDADE INFANTIL: É POSSÍVEL FALAR EM CRIANÇAS LGBT?

Cada vez mais tem se discutido sobre o protagonismo infantil, o empoderamento de crianças e a importância da representatividade nessa fase da vida – e muito disso tem sido feito por meio da cultura digital. Da mesma forma, o tema da sexualidade e das identidades de gênero têm ocupado um espaço importante de reflexão – e de resistência – em muitas sociedades contemporâneas. Identidades que até bem pouco tempo eram invisibilizadas e menosprezadas, passaram a ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas, ocupando um lugar de fala (LOURO, 2004). No entanto, quando se trata de refletir sobre determinados temas envolvendo crianças, os debates se tornam extremamente conflitantes, em função de algumas visões idealizadas que temos sobre as infâncias. Sendo assim, seria possível pensarmos em meninos e meninas identificados/as como sujeitos gays, lésbicas ou transgêneros/as?

Bento (2017, 162-163) acredita que a emergência desse debate está relacionada com a mesma matriz de medicalização das identidades, pois segunda ela

Há uma discussão muito grande sobre o desenvolvimento da sexualidade na infância, uma discussão muito orientada pela psicanálise. Eu penso que uma criança de quatro anos não sabe nada sobre sexualidade. Ela pode ter prazer em tocar sua genitália, da mesma maneira como tem prazer em comer uma comida. O que nós chamamos de sexualidade, o que inventamos como pertencendo ao domínio da sexualidade, para uma criança de seis anos isso não é sexualidade. (...) Também não podemos dizer que um menino de oito anos que gosta de "brincar" com outro menino é gay.

Nesse sentido, WendyLou comenta que Desmond se identifica como gay, mesmo sem a família ter conversado sobre sexo com ele. Na biografia do seu *site* é destacado que

Para Desmond, ser gay significa que ele está certo de que gostaria de ter um namorado algum dia, não uma namorada. À medida que envelhece, ele tem sido cada vez mais inflexível sobre sua escolha e identidade. Ele se sente menos diferente depois de conhecer e conversar com outros garotos da mesma idade que também sentem que são gays. Ele conheceu vários membros mais velhos da comunidade LGBTQ que relataram que eles também tinham os mesmos sentimentos quando eram mais jovens. Além disso, ele conheceu pais de pessoas gays que disseram que sabiam que seus filhos eram gays desde cedo ou desde o começo.

Existe uma espécie de “pânico moral” instaurado pelos questionamentos que Desmond e sua atuação como *drag kid*. Como comenta Miskolci (2007), esse conceito de pânico moral nos permite também refletir acerca dos processos sociais que são interpelados pelo temor e pela pressão por uma mudança na sociedade

Este conceito se associa a outros de muitas áreas como desvio, crime, comportamento coletivo, problemas e movimentos sociais, pois permite esclarecer os contornos e as fronteiras morais da sociedade em que ocorrem. Sobretudo, eles demonstram que o grau de dissenso (ou diversidade) que é tolerado socialmente tem limites em constante reavaliação.

A mãe faz questão de deixar claro que, mesmo frente ao grande número de ataques de ódio nas redes sociais, “Desmond tem focado parte de sua energia em defender a comunidade LGBTQ e esse foco também o ajuda em seu autismo”. Assim, o menino se utiliza do mundo virtual para atingir o seu público e amparar outras crianças que se sentem como ele⁴.

Na descrição de sua página no Facebook, @DesmondIsAmazing, que possui 16.301 pessoas que curtiram, afirma-se que a mesma é de propriedade, gerenciada e mantida pela família de Desmond e que foi criada para incentivar o garoto e outros a serem sempre eles mesmos, permitindo a auto expressão e fornecendo inspiração.

⁴ Na rede social Twitter, o perfil @desmond_amazing possui 1.482 tweets, 2.442 seguidores e 3.230 curtidas nas suas postagens. Já no Instagram, o perfil @desmondisamazing possui 1.108 publicações e 58 mil seguidores. No YouTube, o seu canal Desmond is Amazin tem 1.431 inscritos e 166.841 visualizações nos seus 58 vídeos. Números coletados no dia 30 de maio de 2018.

Macedo (2014, p. 281) comenta que

as crianças criam formas de pertencimento quando elaboram seus perfis nas redes sociais, quando falam de si, escolhem o que querem expor e o que ocultar; criam formas de aparecer e se tornarem visíveis ao outro, considerando, como pressuposto da vida em rede, a visibilidade como um valor

Sobre a página no Facebook, WendyLou afirma que “foi feita como um lugar positivo para que meu filho pudesse interagir com outras pessoas como ele e algo em que meu filho pudesse passar o tempo como uma família - assim como um álbum de recortes”. Wendy ainda comenta que Desmond gosta de postar suas fotos e vídeos, assim como ler sua página, ajudando com as postagens e reagindo aos comentários. “Eu não permito que ele passeie na internet sozinho e ele é supervisionado enquanto usa sua mídia social. Todas as mensagens são lidas e todos os comentários são verificados antes que ele possa ver qualquer coisa”.

Ainda que a família do menino expresse o desejo de filtrar todas as mensagens recebidas, até que ponto é possível controlar o acesso das crianças às redes sociais dentro da cibercultura, uma vez que a cada dia surgem tecnologias ainda mais sofisticadas, que possibilitam o exercício de autonomia e da individualidade por parte dos usuários? Se antes acessávamos as redes através de computadores, hoje elas estão ao alcance de nossas mãos através de celulares.

Segundo Couto (2013, p. 910), a cibercultura infantil tem os seus paradoxos

Nada nela é excludente, mas diferente, múltiplo. Não faz sentido dizer que a infância acabou, ou que as crianças não sabem mais brincar, que ficam isoladas e presas em casa, que só sabem ver e estar no mundo por intermédio de suas telas preferidas. É preciso compreender o teor das mixagens, dos hibridismos que marcam a vida contemporânea. Esses hibridismos atualizam os modos de ser, brincar e viver de muitas e diferentes maneiras.

Paralelo a isso, Jane Felipe (2006) atenta que, devido ao acelerado desenvolvimento de novas tecnologias e modalidades de comunicação, várias possibilidades de experimentações do desejo afetivo-sexual têm sido estabelecidas como estratégias de prazer que, muitas vezes, são “pautadas pela lógica do consumo, onde o sexo é acionado como espetáculo e performance, e

a criança colocada como possibilidade de experimentação do desejo sexual adulto”.



É importante considerar que no contexto brasileiro há regras bem específicas em relação à exposição de crianças na rede, embora seja possível perceber uma ampliação considerável de crianças *youtubers*. Esse fenômeno da superexposição virtual mirim tem sido analisado por vários estudiosos, que relacionam a temática com mídia, consumo, publicidade e entretenimento, como veremos a seguir.

CRIANÇAS E SUAS PRÁTICAS DIGITAIS: O QUE CABE ÀS FAMÍLIAS NESTE PROCESSO?

A presença de crianças nas plataformas digitais e nas redes sociais tem crescido consideravelmente na última década, pois estamos imersos em uma era tecnológica, com grande facilidade de acesso e permanência no mundo virtual, ao menos nos grandes centros urbanos. Poderíamos dizer que há uma estreita relação entre a aprendizagem digital de crianças e pais, como demonstram Brito e Dias (2017, p. 88):

A mediação parental é um processo dinâmico que não só depende de um conjunto mais vasto de variáveis e interdependências, como também está em fluxo permanente. Os pais e as crianças aprendem uns com os outros, exploram as tecnologias e as suas possibilidades e negociam regras, num processo que se desenvolve mais ou menos no mesmo ritmo que o crescimento das crianças.

Nesse sentido, Bragaglia e Ferreira (2016, p. 71) apontam para a existência de “contínuas inovações em marketing visando alcançar a criança consumidora e das possíveis situações de mal-estar atreladas ao desejo por bens, incluindo os recorrentes cenários de exclusão da sociedade de consumo”. Assim, a presença de crianças no mundo virtual estaria muito ligada à prática de consumo infantil, principalmente aquelas com canais no YouTube.

Pensando no consumo, Bragaglia e Ferreira (2016, p. 57) afirmam e questionam

O discurso de consumo como caminho para a felicidade é recorrente no meio publicitário, o que não é diferente na publicidade infantil. A entrada em cena de crianças que produzem seu próprio conteúdo no YouTube (os *youtubers* mirins), atraindo milhões de seguidores, naturalmente despertou o interesse das empresas. Mas até que ponto os canais destas crianças são utilizados para reforçar este discurso típico da sociedade de consumo?

A experiência de perceber crianças nas redes sociais nos mostra como é potente pensar nesse grupo espontâneo e, ao mesmo tempo, organizado com relação às práticas digitais na contemporaneidade. O cuidado com a linguagem a fim de atingir um público específico e a qualidade cada vez maior dos vídeos demonstram como é preciso refletir mais atentamente sobre essa atuação infantil frente a posições de exposição e, principalmente, diante da publicidade. Como referem Covaleski (2010) e Monteiro (2016), com o fenômeno de popularização crescente do YouTube, esse veículo fez surgir uma nova categoria de produtores de conteúdo, os *youtubers* (homens e mulheres de todas as idades e estilos, assim como crianças). Quando esses canais começam a ter muita visibilidade, com inúmeros acessos e inscritos no canal, as marcas firmam uma parceria com esses influenciadores digitais, dentro daquilo que se convencionou chamar de publicidade híbrida.

Corrêa (2016, p. 13-14) elenca alguns questionamentos importantes sobre crianças e consumo, a partir da utilização de vídeos no YouTube:

Seriam as crianças produtoras e consumidoras de vídeos no YouTube conscientes das narrativas publicitárias que ali se apresentam? Ou melhor, há alguma percepção, por parte dessas crianças, de que um produto ou marca se enunciam em meio ao conteúdo audiovisual consumido? Ainda, as marcas ao se apropriarem destas diversas práticas de maneira formal terão o mesmo resultado de sucesso de views/consumo?

Outro ponto que não pode ser ignorado de análise é a presença (ou não) dos pais dessas crianças na atuação delas em suas performances *online*. Legalmente, na infância não se é responsável pelos próprios atos, assim, os pais respondem às atitudes dos/as filhos/as frente a diversas situações (re)produzidas nas redes sociais.

Acerca da percepção dos pais quanto às práticas digitais das crianças, Brito e Dias (2017, p. 88) apontam que, na maioria das situações, há lacunas resultantes de estilos parentais com base num baixo envolvimento

Essas lacunas focam-se numa discrepância entre as percepções dos pais relativamente às competências digitais e práticas das crianças, que vão muito além do que os pais pensam; o desconhecimento dos pais sobre a exposição das crianças a riscos online; e também diferentes pontos de vista sobre as regras relativamente a meios digitais em casa e na forma como estas regras são definidas (os pais descrevem o processo como uma negociação e as crianças consideram-no como uma imposição). Por outro lado, pais e filhos compartilham uma percepção que é discrepante da realidade: eles consideram as tecnologias, em particular o tablet, como um brinquedo, o que os leva a ignorar o seu potencial pedagógico.

Dessa forma, faz-se necessário pensar em um acompanhamento e um suporte familiar mais efetivo, no sentido de saber realmente o que se passa no mundo virtual, pois muitos pais não são “alfabetizados” em relação às tecnologias digitais. Há também uma espécie de negligência das famílias em relação ao uso de equipamentos eletrônicos (celulares, tablets, computadores) por parte das crianças. Enquanto elas jogam e se distraem, não incomodam. Trata-se, em muitos casos, de uma terceirização dos cuidados e atenção que devem ser dispensados às crianças, mas que são transferidos para esses veículos digitais. Poderíamos pensar que tal situação configura-se como um “abandono digital”, uma espécie de negligência parental constituída por atos faltosos dos pais em um descuido em relação à segurança dos filhos no ambiente cibernético. Como aponta Alves (2017), tal quadro não escapa dos efeitos passíveis de risco e de vulnerabilidade em relação às crianças.

A IDENTIDADE INFANTIL DIGITAL: ENTRE A PROTEÇÃO E A EXPOSIÇÃO

A arte *drag* e a interação social pela internet estariam possibilitando a Desmond desenvolver melhor sua comunicação e relação com as outras pessoas, facilitando a expressão de sua identidade em construção e ainda levando uma mensagem de inspiração e liberdade a outras crianças? Seus vídeos mostram que é possível brincar com o que se quer, embora seja possível perceber as reações negativas em relação a tais possibilidades de expressão. O que cabe aqui pontuar é em relação ao papel da família, de proteção e suporte, tendo uma escuta atenta às necessidades da criança. Quais seriam então os

limites em relação ao papel que cabe à família desempenhar? Entre a proteção e a exposição, como fica a criança que tem sua vida exposta, dentro da lógica consumista de espetacularização do corpo e da sexualidade?

Dessa forma, a possibilidade de confeccionar roupas e visuais com criatividade como gostaria para suas performances ou ensaios fotográficos teria permitido ao menino se expressar e, segundo a família, isso o tem auxiliado a compreender o mundo, assim como descobrir como as coisas funcionam e como ele mesmo funciona em sua totalidade, mesmo tendo sobre ele a noção de uma infância que precisa de certa “proteção”.

Preciado (2014, p. 6) destaca a questão sobre a ideia de ‘criança-a-ser-protegida’ como possibilidade do adulto de naturalizar a norma heterossexual

A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia do gênero vigia o berço dos seres vivos que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma faz sua ronda em torno dos corpos frágeis. Se você não for heterossexual, a morte o espera. A polícia do gênero exige qualidades diferentes do garotinho e da garotinha. Ela molda os corpos a fim de desenhar órgãos sexuais complementares. Ela prepara a reprodução, da escola até o Parlamento, industrializa-a.

Quando os sujeitos descobrem que sentem atração por pessoas do mesmo gênero ou ainda, quando eles mesmos se percebem como pertencentes ao outro gênero ao qual foram designados, começa o rompimento entre essa expectativa da sociedade e a nova realidade. Os questionamentos sobre a coerência entre sexo e gênero se estabelecem e suas proporções aumentam, acontecendo intervenções familiares a favor ou contra essa identidade.

Ao se afirmar um sujeito gay aos nove anos de idade, Desmond estaria indo na contramão das expectativas da sociedade contemporânea acerca da identidade sexual dos indivíduos, comumente formadas ou legitimadas na fase da juventude. Mesmo criança, ele consegue questionar e colocar muitas pessoas em situação de desconforto por meio de suas redes sociais, por indicar uma nova possibilidade de identidade infantil, tanto LGBT quanto ativista ou mesmo feminista pela montagem como *drag*.

De certa forma, a cultura digital cumpre um papel importante na vida de Desmond, como possibilidade de expressão da sua identidade, atribuindo novos significados para a sua existência. Através dessas redes, o menino pode experimentar novas vivências com seu corpo, com o outro, com os movimentos,

o espaço, o tempo, a comunicação, a criatividade e o pensamento. No entanto, algumas reflexões se fazem necessárias. Qual o papel da família em relação à proteção que devem exercer sobre as crianças quando se trata de exposição nas redes, considerando que muitos pais incentivam e, em muitos casos, se beneficiam dessa exposição das crianças youtubers, quando estas começam a despontar como influenciadoras digitais de sucesso? Como as escolas podem contribuir nessa discussão?

Em relação à Educação, Brito e Dias (2017, p. 88) consideram que as escolas deveriam trabalhar

em articulação com as famílias para promover a conscientização sobre os perigos e riscos, para promover práticas digitais informadas, diversificadas e seguras, com o intuito de integrar plenamente a aprendizagem das crianças numa abordagem holística, que inclui ambas as configurações e agentes formais e informais.

Portanto, a parceria escola x família poderia propor um movimento para que a utilização da cultura digital por crianças se dê de forma mais segura, seja em casa ou em outros ambientes. Além disso, o contato e a interação com outras pessoas que são realizadas pela internet são possibilidades potenciais para a ocorrência de abuso e *bullying* virtual, principalmente nesses casos, envolvendo as identidades de gênero e identidades sexuais.

Acerca das crianças com canais no YouTube, Corrêa (2016, p. 14) destaca que

É preciso constantemente pensar a participação da criança na sociedade, pensar em que medida é preciso regulamentar esses espaços de vídeo, garantir a liberdade de expressão e voz da criança, ainda, acima de tudo pensar como protegê-las é dever do adulto, em um ambiente recomendado para maiores de 18 anos, ou com seu acesso sob a supervisão de pai ou um responsável.

Nesse sentido, poderíamos pensar em olhar com certa desconfiança os discursos infantis que defendem essa atuação de menores de idade no território *online*, contrapondo com questões que debatam sobre a superexposição virtual da criança e o incentivo que tais manifestações geram em meninos e meninas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma criança de dez anos de idade se auto afirmar como gay e se montar de *drag queen*, participando inclusive de vários eventos tem sido um alvo fácil da mídia mundial. O caso de Desmond, um menino estadunidense com espectro autista, cuja paixão pela cultura *drag* o tem ajudado em sua comunicação e interação social, é um exemplo de existência e resistência frente ao atual cenário de incertezas em que vivemos.

Por estar na contramão das expectativas da sociedade contemporânea acerca de comportamentos tidos como “normais” ou mesmo naturais para as questões de gênero e sexualidade, principalmente na infância, o garoto não tem sido compreendido e nem aceito por grande parte das pessoas que tem contato com sua história e trajetória como garoto *drag* por meio dos noticiários.

A maioria das críticas a respeito de Desmond estaria relacionada ao fato do menino subverter e escrever seus próprios *scripts* de gênero e *scripts* sexuais, transgredindo assim uma matriz de vida heterossexual, constituída pelas instituições das quais os sujeitos participam mesmo antes do nascimento, interpelando-os de maneira impositiva e até mesmo violenta, em muitos casos.

A história e a performance do menino amplamente divulgadas nas redes sociais nos convida à reflexão acerca de conceitos como identidade e diferença na infância em tempos digitais, etapa de vida tão menosprezada por muitos e considerada inapropriada para as questões ligadas à sexualidade e ao acesso ao mundo virtual, além de nos fazer pensar sobre conceitos como intimidade, privacidade, extimidade (SIBILIA, 2016), espetacularização do corpo e o papel protetivo que cabe à família exercer em relação aos filhos.

Assim, o caso de Desmond e de sua família podem provocar inúmeras discussões importantes, tanto do ponto de vista social, cultural e histórico, em especial no que se refere ao campo da Educação, pois como bem sabemos, este campo exerce um controle maior sobre os corpos, na tentativa de impor aos sujeitos determinados *scripts* desde a mais tenra infância, principalmente quando visibilizados da maneira como fazem as redes sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jones Figueirêdo. **Negligência dos pais no mundo virtual expõe criança a efeitos nocivos da rede**. Revista Consultor Jurídico, 15 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2017-jan-15/processo-familiar->

abandono-digital-expoe-crianca-efeitos-nocivos-internet>. Acesso em: 26 jun. 2018.



AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BRAGAGLIA, Ana Paula; FERREIRA, Andre Luis do Nascimento. **Os youtubers mirins e a felicidade através do consumo**. Revista Temática, Ano XII, n. 12. dez. 2016.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990.

BRITO, Rita; DIAS, Patrícia. **Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros**. OBS* vol.11 n. 2 Lisboa jun. 2017.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

CORRAZA, Sandra Mara. **História da infância sem fim**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

_____. **Infância & Educação: era uma vez... quer que conte outra vez?** Petrópolis: Vozes, 2002.

CORRÊA, Luciana. **O que tem dentro da caixa?** Crianças hipnotizadas pelo YouTube Brasil, as fronteiras entre entretenimento, conteúdo proprietário e publicidade. In: VII Pró-Pesq. - Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, GT-5: Propaganda e mercado, PUC-Rio, 2016.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed. 2011.

COUTO, Edvaldo Souza. **A infância e o brincar na cultura digital**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 31, n. 3, 897-916, set./dez. 2013.

ELIOT, Lise. **Cérebro azul ou rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FELIPE, Jane. Erotização de corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: debates contemporâneos na educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

FELIPE, Jane. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** Cadernos Pagu (26), jan./jun. 2006: p. 201-223.

FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2018. p. 236-248.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. Rompendo com os scripts de gênero e de sexualidade na infância. In: SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca Salazar (Orgs.). **Educação em um mundo em tensão**: insurgências, transgressões, sujeições. Canoas: ULBRA, 2017.

LOURO, Guacira (Org.). **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. **“Você tem face?”**: Sobre Crianças e Redes Sociais Online. 2014. 296 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Pânicos morais e controle social**: reflexões sobre o casamento gay. Cad. Pagu [online]. 2007, n.28, pp.101-128.

MONTEIRO, Maria Clara Sidou. A Publicidade feita por youtubers: estudo de caso do canal Julia Silva. **Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 1, jun. 2017. ISSN 2526-222X. Disponível em:

<<http://midiaticom.org/anais/index.php/seminariointernacional/article/view/20>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



MOTT, Luiz. **Cupido na sala de aula:** pedofilia e pederastia no Brasil Antigo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (69): 32-9, maio 1989.

PRECIADO, Beatriz. **Quem defende a criança queer?** Revista Geni, número 16, out./2014. Disponível em: <<http://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: _____; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos:** perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa Editores, 2004. p. 35-54.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da Infância. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-78, mai./ago. 2005.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu:** A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Recebido em 01 de julho de 2018.

Aprovado em 21 de agosto de 2018.